

A PERCEPÇÃO DO SENTIDO NO ÂMBITO ACADÊMICO EM SITUAÇÃO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Glória Dias Soares VITORINO¹

RESUMO

Neste estudo, apresento síntese de dados parciais obtidos a partir de registros escritos decorrentes de uma atividade de leitura realizada em situação de ensino-aprendizagem, no âmbito acadêmico. O objetivo principal foi investigar a percepção de efeitos de sentido pelos sujeitos da pesquisa, a partir da leitura de diferentes gêneros do discurso previamente selecionados pelo professor-pesquisador. Observou-se também se esses sujeitos-leitores, movidos pela especificidade dos títulos dos textos apresentados para a atividade de leitura proposta, estabeleceram (ou não) uma correspondência imediata título/gênero. Por fim, verificou-se se esses sujeitos estiveram mais atentos a alguns pressupostos teóricos discutidos em classe pelo professor-pesquisador, a ponto de os considerarem, explicitamente, na folha destinada aos registros de leitura. Parte de uma tese de doutorado em fase de conclusão, a partir deste trabalho inicial, foi possível elaborar alguns princípios teóricos norteadores da leitura – formulados a partir da articulação quadro teórico/resultados obtidos – que poderão contribuir para a compreensão do processo de produção de sentidos, do ponto de vista da recepção, com base no quadro epistemológico da Análise do Discurso (AD), sobretudo, em estudos de Authier-Revuz (1982, 1990, 1998); Bakhtin, 2000, 2006 [1929]; Maingueneau (1997, 2001, 2006); Pêcheux (1997, 2001a, 2001b, 2001c, 1983), além de outros estudos complementares (BARROS, 1999; 2006; BRANDÃO, 1997; MARI, 2000; MATENCIO, 2002, 2004, 2006a, 2006b, ORLANDI, 1998, 2001, 2002; GREGOLIN, 2004, SHNEUWLY e DOLZ, 2004; entre outros).

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros do discurso; Efeitos de sentido; Ensino-aprendizagem; Sujeito-leitor.

Introdução

Meu interesse por estudos que podem favorecer a compreensão de fatores determinantes no processo de constituição do sentido, considerando-se a conjunção

¹ VITORINO, Glória Dias Soares. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais - UnilesteMG. Coronel Fabriciano, MG, Brasil. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras, da PUC/MINAS. CEP 30.535.610. Belo Horizonte, MG, Brasil. gloriavitorino@hotmail.com

sujeito/língua/história/ideologia, foi um dos principais motivos que me conduziram à realização deste trabalho. Ao partir desse foco, meu intuito foi investigar diferentes dimensões da linguagem envolvidas na percepção do sentido por sujeitos-leitores, em situação de ensino-aprendizagem, na esfera acadêmica, com base em princípios teóricos que se situam no domínio dos estudos discursivos, mais precisamente, naqueles que se inscrevem na denominada Análise do Discurso (AD).

A relevância desse quadro teórico deve-se não somente ao fato de se conceber a linguagem como “mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2002, p. 15), mas também por apresentar um sujeito “lingüístico-histórico, constituído pelo esquecimento e pela ideologia” (*op. cit.*, p.91). Vista pela AD como um “mecanismo estruturante do processo de significação” (*op. cit.*, p. 96), essa concepção de ideologia nos permite “compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos por/para sujeitos afetados pela história e pela ideologia” (*op. cit.*, p. 26).

A esses estudos, complementarmente, trago reflexões que defendem o primado do interdiscurso sobre o discurso (AUTHIER-REVUZ, 1982, 1990), inaugurando uma vertente que se pode dizer bastante atual em Análise do Discurso, segundo a qual o sujeito é tido como descentrado, fragmentado, clivado entre o consciente e o inconsciente. Concepções teóricas que nos permitem compreender a gênese da AD, que, entre outras questões fundamentais, leva em conta o imperativo de se considerar o discurso como “efeitos de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2002, p.21). Efeitos que se manifestam na linguagem por meio de textos. Então, não se concebe um discurso já posto com o qual

poderíamos ter um contato inicial, já que, para se ter acesso ao discurso, é preciso recorrer ao texto – uma materialidade lingüístico-histórica.

Uma das principais decorrências dessas formulações conceituais para o estudo que desejo realizar é o fato de se sustentarem num princípio de constitutividade do discurso, do sujeito, do sentido, das condições de produção no processo enunciativo. Por isso não se ocupam do discurso sob um foco estritamente lingüístico, contribuindo, assim, para a formação de atitudes bastante produtivas em face da leitura em esferas ditas escolares, tais como as que consideram a importância das determinações sócio-históricas na constituição do sentido e dos sujeitos.

Objetivos da pesquisa, pressupostos teóricos

É principalmente dentro desse quadro teórico que se situa o objeto de pesquisa proposto, em que se busca compreender os processos de significação, tendo como objetivos centrais:

- i) realizar uma investigação, envolvendo a possível relação sujeito/produção do sentido/circunstâncias históricas e sociais, na constituição do sentido, de modo que se possa ter acesso a alguns fatores determinantes do sentido, sob a ótica do sujeito-professor-leitor em processo de formação inicial;
- ii) contribuir para uma investigação mais efetiva e criteriosa sobre os movimentos pelos quais os processos de significação se constituem em esferas ditas escolares e/ou acadêmicas.

A partir desse foco, este trabalho tem como um dos objetivos centrais realizar uma investigação a propósito de elementos reguladores do sentido, em situação de ensino-aprendizagem, na esfera acadêmica, envolvendo sujeitos-professores-leitores, em processo de formação inicial. Centro também meu interesse em levantar alguns princípios teóricos que sejam relevantes para a compreensão da percepção de efeitos de sentido, nesse mesmo âmbito. Nessa abordagem, considero o quadro teórico proposto, complementarmente aos resultados obtidos por meio da análise de *corpus*, com o intuito de investigar, tanto a atribuição de sentidos que confirmam a estabilidade, o (pré) estabelecido no âmbito das práticas sociais (memória discursiva, já-ditos, pré-construídos) como a que se situa no universo da subversão, do confronto, da instabilidade (atualidade), possibilitando a emergência de novas redes de sentido.

Para a realização do estudo, foram considerados pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD), de modo especial, a partir dos anos de 1980, quando se iniciou um processo de mudança de foco do objeto de estudo dessa vertente teórica, ou seja, a desconstrução da noção conceitual de maquinaria discursiva (PÊCHEUX, 2001b, p. 315) para que se propusesse a abordagem da heterogeneidade constitutiva – marcada e não marcada (AUTHIER-REVUZ, 1982, 1990), que, por sua vez, se sustenta no dialogismo bakhtiniano (BAKHTIN, 2000, pp. 277-326, 2006 [1929], entre outros). Esse referencial foi o escolhido devido ao tratamento que confere à correlação língua / sujeito / circunstâncias sócio-históricas na constituição do sentido. Considero também uma abordagem de sujeito que o concebe descentrado, constitutivamente heterogêneo, parte de um corpo histórico-social (ORLANDI, 2002). Adoto essa concepção de sujeito porque, entendendo o sujeito desse modo, a linguagem é relacionada a sua exterioridade, de forma que a tríade

língua/história/sociedade é vista como interdependente, o que nos permite pensar o processo de produção do sentido, envolvendo a possível relação sujeito/atualidade do sentido/memória discursiva.

Caracterização dos sujeitos da pesquisa e escolha do curso de Letras

Para a participação na coleta de dados, foram convidados alunos de um curso de Letras, turno noturno, graduandos em um centro universitário, no interior de Minas Gerais. Esses alunos residem em cidades que compõem a microrregião denominada “Vale do Aço”. Pode-se dizer que são ainda jovens, pois a faixa etária varia entre 21 e 30 anos, com algumas poucas exceções. A maioria é do sexo feminino (mais de 80%) e trabalha no horário diurno em diferentes áreas, principalmente no comércio, em indústrias e siderúrgicas locais, bem como em instituições escolares (creches, serviços administrativos ou ciclos iniciais do ensino fundamental). Trata-se, então, de trabalhadores-alunos e não de alunos-trabalhadores.

A escolha de graduandos do curso de Letras se deveu, sobretudo, ao fato de envolver futuros profissionais da língua/linguagem, em pleno processo de formação inicial, “(re) contruindo suas concepções de língua e de linguagem e de ensino/aprendizagem a partir das práticas educativas vivenciadas em sua formação” (MATENCIO, 2002). Em razão disso, pode-se depreender que, num futuro próximo, tornar-se-ão responsáveis pela formação de novos leitores, ao exerceram a função de professor de língua/linguagem. A escolha desse curso deveu-se, ainda, ao fato de a professora-pesquisadora ministrar, nas turmas nas quais

foram coletados os dados, algumas disciplinas que compreendiam, entre outras abordagens, concepções de linguagem e seu processo de ensino-aprendizagem.

Metodologia, processo da coleta de dados e construção do *corpus*

A coleta de dados ocorreu em turmas que cursavam diferentes períodos (6º, 7º e 8º períodos, respectivamente). Entre outras razões já apontadas, essa escolha se deveu ao fato de a professora-pesquisadora acreditar que, embora não se trate propriamente de um estudo de natureza longitudinal, o fato de esses sujeitos terem a oportunidade de novas reflexões teóricas no próprio curso (concepções de língua/linguagem, princípios teóricos centrais da Análise do Discurso, gêneros e tipos textuais, entre outros) a propósito de questões relativas ao processo de atribuição de sentido a um dado texto, poderia interferir, de algum modo, nos dados obtidos, que eram de caráter diagnóstico, inicialmente. Nas demais fases da coleta de dados, as atividades foram sendo realizadas na medida em que as discussões teóricas e práticas eram realizadas em classe, independentemente do período do curso.

Na primeira etapa da coleta de dados, apresentou-se aos alunos, conforme previsto, uma proposta de leitura, de caráter diagnóstico. Nessa atividade, foram abordados 5 (cinco) diferentes textos que apresentavam o termo “comunicado” como título ou como palavra-chave no título. Esses textos foram publicados nos jornais *Estado de Minas* e *Hoje em dia*. Apesar de terem características comuns em relação ao título, se configuravam em diferentes gêneros, considerando-se, entre outras perspectivas teóricas, a bakhtiniana, segundo a qual o gênero se caracteriza por uma estabilidade temática, composicional e estilística, e apresenta uma natureza constitutivamente dialógica. Identidade, nesse caso, diz respeito a

um dos “paradoxos do gênero”, isto é, os gêneros são “mais ou menos imediatamente referenciáveis e referenciados nas práticas de linguagem”, o que nos indica seu reconhecimento pelos sujeitos-leitores. Desse modo, pode-se “freqüentemente nomeá-los sem muita hesitação”, o que sempre se faz na comunicação cotidiana (SCHNEUWLY E DOLZ (2004, p. 57)). Isso ocorre a despeito de os gêneros nunca se prestarem a uma “definição sistemática e geral”, devido a seu “caráter multiforme, maleável, ‘espontâneo’” (*op. cit.*, aspas do autor). Com tal proposta, desejou-se realizar um levantamento das principais categorias mencionadas nos registros, de modo a organizar, a partir desse levantamento, a proposta de leitura que se seguiria.

Análise de resultados obtidos e princípios norteadores da leitura

Para o levantamento de categorias e dados que ora analisamos, convém ressaltar que, na atividade de leitura realizada, propositalmente, não foram apresentados direcionamentos específicos sobre quais pontos os sujeitos-leitores deveriam considerar. Solicitou-se apenas que abordassem, nos registros escritos, os “aspectos mais significativos” sobre cada um dos cinco textos selecionados. As categorias apresentadas, neste estudo, foram, pois, trazidas à tona pelos próprios sujeitos da pesquisa, nos registros escritos. Tratava-se, assim, de uma atividade de caráter exploratório. É preciso considerar que a ausência de um direcionamento preciso para essa tarefa pode ter sido um fator determinante dos resultados, já que, para grande parte dos sujeitos da pesquisa, tratava-se da interação professor-aluno.

O não direcionamento proposital da leitura, nesse caso, teve como objetivo levar os sujeitos da pesquisa a selecionarem melhor o que dizer, ou seja, limitou-se o espaço para se evitarem divagações. É preciso considerar, portanto, que a ausência de um direcionamento mais preciso na proposta dessa tarefa pode ter sido um fator determinante dos resultados, já que, para grande parte dos sujeitos da pesquisa, tratava-se da interação professor/aluno.

Antes de apresentar algumas considerações de caráter conclusivo, devo ressaltar que, em se tratando dos resultados obtidos, uma questão primordial considerada foi analisar a percepção do sentido por sujeitos-leitores, com base na leitura de cinco de cinco diferentes textos, sob o foco de diferentes dimensões da linguagem (enunciativa, situacional, institucional, histórica, discursiva). Optou-se por esse enfoque porque comungamos com a idéia de que os textos se inscrevem em diferentes dimensões, são, portanto, regulados por uma série de fatores que não se situam apenas no âmbito do lingüístico propriamente.

Neste ponto, abrangendo a categoria “conteúdo/assunto/informação”, a mais evidenciada nos registros, destaco os primeiros resultados que nos pareceram favoráveis às seguintes considerações: (1) Ao selecionarem a categoria conteúdo/assunto/informação, os sujeitos-leitores, parecem, de fato, ter feito essa opção, ainda que intuitivamente, pois considerando-se essa abordagem do texto, não haveria espaço na “folha de respostas” para que se ocupassem de outras dimensões da linguagem. (2) Em decorrência, a representação de texto desses sujeitos-leitores parece advir de uma concepção de língua/linguagem passível de fixação e sistematização. Há indícios de que conheceriam outras categorias, mas não as teriam considerado importantes a ponto de trazê-las para os registros. (3) O efeito de

sentido mais evidenciado pelos sujeitos-leitores foi o de ‘informação’. Assim, o sujeito-leitor aponta um claro interesse por uma leitura de caráter mais intuitivo, mesmo quando tem acesso a categorias que lhe permitiriam movimentar, de forma mais perspicaz, cadeias significantes. (4) A predominância do pré-construído (textos informam algo), resultante de um sistema de restrições que sobredetermina o dizer, evidencia um sujeito de natureza lingüístico-discursiva, que produz certos sentidos e não outros sob determinadas condições (PÊCHEUX, 1997[1975]). Desse modo, as categorias discutidas em classe pelo professor-pesquisador teriam sido “esquecidas” pelos sujeitos da pesquisa. Esses sujeitos parecem desconhecer características relativamente estáveis de exemplares dos gêneros apresentados na composição da atividade de leitura realizada, bem como daquelas inerentes à cena englobante em que, por vezes, se situam esses textos (tipo de discurso).

Articulando-se os dados obtidos ao quadro teórico proposto foi possível estabelecer alguns princípios teóricos norteadores da leitura, cuja dimensão nos apontam alguns fatores que determinam a percepção do sentido. A partir deste ponto, por uma questão metodológica, esses princípios serão, gradativamente, apresentados, considerando-se a natureza da categoria analisada e sua ordem de entrada ao longo do estudo.

Primeiramente, conforme já dissemos, discutimos a categoria “conteúdo/assunto/informação”, por ter sido a mais evidenciada no *corpus* (mais de 80% de menção em todos os níveis analisados). Os principais aspectos discutidos, neste item, nos levaram à formulação dos “princípios norteadores da leitura”, 1 e 2, que se seguem:

Princípio 1

- O sujeito-leitor aponta um claro interesse por uma leitura de caráter mais intuitivo, mesmo quando tem acesso a categorias que lhe permitiriam movimentar, de forma mais perspicaz, cadeias significantes, considerando, por exemplo, algumas dimensões da linguagem interdependentes, tais como sujeito / circunstância / posição social .

Princípio 2

- Os sujeitos-leitores, conscientemente ou em estado de pré-consciência exercem uma prática de controle sobre os sentidos interditados pela ideologia. Paradoxalmente, sua posição na ideologia lhes permitiria ressignificar o já-lá.

No que se refere às categorias “locutor/alocutário”, que dizem respeito a um dos eixos do dialogismo constitutivo da linguagem, os resultados da análise nos apontaram que: (1) O caráter de interatividade dialógica da linguagem não é mencionado na maioria dos registros. Obteve-se um número considerável de menções (a maioria absoluta dos registros) em relação à figura do locutor, porém não se menciona a figura do outro (interlocutor) que sustenta toda prática de linguagem. Como decorrência, desconsidera-se a necessária inscrição do texto num evento interativo, mesmo nos casos em que os interlocutores não se encontrem numa situação face a face. E, para precisar mais esse resultado, formulamos o princípio 3.

Princípio 3

- O sentido é decorrente da relação de interatividade dos parceiros (locutor/alocutário) nos processos interlocutivos, nos quais e pelos quais se constituem co-enunciadores, papéis de natureza responsiva e intercambiável.

No tocante à “categorização dos gêneros do discurso”, os resultados obtidos nos conduziram a afirmar que: (1) Constatou-se uma enorme dispersão em relação à

categorização dos gêneros, um dado que merece atenção. Quando se nomeiam os gêneros do discurso aparecem denominações variadas, tais como informe, nota, nota de repúdio, manifesto, mensagem, gênero informativo, entre outros. (2) Existiria uma correlação imediata título/gênero para cerca de 30,0% dos sujeitos da pesquisa. Nos casos em que se buscou categorizar o gênero, estabeleceu-se uma correspondência imediata título/gênero, afirmando que se tratava de um ‘Comunicado’, sem, contudo, evidenciar conhecimento sobre especificidades do gênero em questão. Nesse caso, o título parece ter sido um fator determinante nos efeitos de sentido produzidos.

No que se refere a situações que correspondem especificamente à “cena de enunciação” em que se inscrevem os textos, os dados obtidos apontaram para as seguintes considerações:

(1) A cena genérica a que correspondem os textos (gêneros do discurso) não é mencionada, nos três grupos, por um número considerável de sujeitos-leitores (perto de 70,0%, em alguns casos). (2) Nos registros, não há muitas situações em que os sujeitos se ocupam das cenografias implicadas pelos cinco diferentes textos (cena instituída pelo próprio discurso). Porém, quando percebidas, desconsidera-se o efeito de ‘informação’ apontado pela maioria dos sujeitos da pesquisa. Nesses casos, percebe-se o discurso que, de fato, é proferido por meio do referido texto. (3) Nos poucos registros em que a cenografia foi explorada (8 casos em 310), os sujeitos chegaram aos efeitos de sentido implicados, valendo-se, sobretudo, da caracterização da cena englobante, a despeito de categorizarem indevidamente o gênero. (4) Em relação à cena englobante (tipo de discurso), a representatividade foi mínima (4,0%, 2,0% e 7,6%, nos Grupos A, B e C, respectivamente). (5) O quadro cênico propriamente dito (tipo de discurso / gênero do discurso) também foi minimamente evidenciado (apenas 8 registros em 310, considerando-se o Grupo C). Não

se obteve nenhum registro a esse respeito nos Grupos A e B. (6) Nos casos em que se especifica o espaço estável no interior do qual o enunciado ganha sentido (cena genérica, cena englobante), nem sempre se percebe a decorrência dessa estabilidade para a compreensão das atividades discursivas em que os sujeitos interlocutores se inscrevem. (7) O reconhecimento de especificidades da cena genérica (gênero do discurso) pelo sujeito-leitor, embora se trate de uma importante dimensão para se compreender as atividades discursivas nas quais os sujeitos se encontram engajados, não se constituiu num aspecto suficiente para se compreender a cenografia engendrada pelos textos. (8) A cenografia, nos casos analisados, só foi alcançada a partir de reflexões do sujeito-leitor sobre a cena englobante (tipo de discurso). (9) Nos registros, a maioria não situou o texto numa cena englobante (tipo de discurso), e, provavelmente, como decorrência disso, também não se deu conta da cenografia escolhida. (10) Os dados obtidos nos levam a concluir que apesar de a cena englobante ser colocada em segundo plano pela cenografia proposta, deve-se considerar sua especificidade, para alcançar a cenografia. No caso dos sujeitos da pesquisa, a maioria não conseguiu explorar a cenografia proposta, nos registros escritos, tendo, pois, registrado apenas efeito de “informação”. Sumariamente, formulamos, a propósito desses resultados, o princípio 4:

Princípio 4

- A compreensão da cena englobante (tipo de discurso), ainda que colocada em segundo plano pela cenografia, mostra-se como um excelente atalho para se compreender a cenografia engendrada por um texto, e, por esse viés, alcançar efeitos de sentido possíveis, mesmo nos casos em que se categoriza indevidamente o gênero.

Elementos que dizem respeito à “materialidade do texto (de natureza verbal e não verbal)” foram trazidos à tona, nos registros, muito timidamente, e, quando evidenciados, não foram articulados a outras dimensões da linguagem. Vejamos: (1) A relação de constutividade materialidade do texto / sentido, parece ter sido uma questão relegada a segundo plano, ainda que o leitor tenha atentado para essa dimensão da linguagem no próprio processo de leitura, pois não foi suficiente para que o leitor se ocupasse, no registro, da relação manifestação material do discurso em face da constituição do próprio discurso. No caso deste estudo, leitores que evidenciaram algumas categorias de caráter enunciativo-discursivo, ao ressaltá-las, alcançaram certos efeitos de sentido, não percebidos pela grande maioria dos sujeitos da pesquisa. (2) A dimensão linguagem/estratégias textuais não foi percebida em função da percepção do sentido, e sim em função da caracterização / pela caracterização, tal como se o discurso fosse indiferente a essa disposição formal. Caso tal relação tivesse sido estabelecida, o registro de leitura poderia fornecer mais evidências, na escrita, sobre as relações de sentido que esse sujeito-leitor faz ao tratar de linguagem. (3) Em relação ao gênero do discurso foram deixadas de lado, não somente sua materialidade lingüística, mas também outras dimensões constitutivas do gênero (espaço, tempo, periodicidade). Em suma, os dados que os sujeitos-leitores mencionam são recursos constitutivos do sentido, mas os sujeitos parecem ignorar isso. (4) Mesmo evidenciando elementos da materialidade dos textos lidos (tipologia), tais como o tipo narrativo / descritivo, o sujeito-leitor parece considerar o enunciado como portador de um sentido estável: informar. Desconsidera, pois, o funcionamento da instância em que se inscreve (esfera política). Situando-se esse resultado ao quadro teórico adotado, foi possível formular o princípio que se segue:

Princípio 5

- Deve-se pensar a correlação materialidade do texto / sentido, pois ainda que marcas lingüísticas e textuais não definam os gêneros, por meio delas, podem ser alcançadas diferentes dimensões envolvidas na constituição de um texto, as quais devem ser articuladas à percepção de novos efeitos de sentido.

Com relação à categoria “suporte”, os resultados foram menos evidentes, embora significativos, conforme se observa a seguir: (1) A maioria não considera a categoria suporte, porém há casos de sujeitos-leitores que, a despeito de considerarem categorias, como suporte, não perceberam outras dimensões do texto (situacionais, institucionais) que poderiam tê-los levado à percepção de novos efeitos de sentido. Tomando, assim, a correlação suporte/constituição do texto/sentido, formulou-se o princípio 6.

Princípio 6

- O suporte pode condicionar a percepção do sentido, determinar a constituição do gênero, além de configurar-se como um dos fatores de acessibilidade à cena englobante e a cenografias engendradas pelos textos.

Por fim, os dados levantados nos registros, a propósito de menções explícitas ao “dialogismo constitutivo”, um dos eixos do dialogismo bakhtiniano, são basicamente os seguintes: (1) Os que ressaltam, no registro, marcas do dialogismo parece não se darem conta do fenômeno dialógico como constitutivo do sentido. (2) Um grupo muito restrito não apenas menciona o fenômeno, mas parece, de fato, perceber do que se trata. Com base nessa constatação, temos que:

Princípio 7

- A correlação dialogismo / texto / sentido deve ser proposta por intermédio da explicitação / compreensão das formas e graus de representação das

vozes incorporadas ao texto pelo enunciador. Por um lado, redimensionando a articulação voz / forma e grau de representação da voz / sentido, por outro, situando tais aspectos mais precisamente na dimensão constitutivamente dialógica da linguagem.

Ao concluirmos esta parte do estudo, pudemos perceber que esses princípios teóricos (1 a 7), “regulares” de/da leitura pelos sujeitos, formulados com base na articulação resultados / quadro teórico proposto, por um lado, retomam categorias que foram previamente elencadas e trazidas como essenciais na discussão teórica dos capítulos antecedentes (relação interativa locutor/alocutário, gênero do discurso, dialogismo, cena englobante, materialidade do texto/sentido, por exemplo), por outro, fizeram emergir o papel crucial de certas categorias na constituição do sentido, tais como algumas dimensões interdependentes da linguagem: cena englobante/sentido, suporte/cenografia, voz/forma e grau de representação da voz/sentido, por exemplo.

Considerações finais

Neste estudo, observou-se, por um lado, que a maioria absoluta dos sujeitos da pesquisa fez registros que denunciaram uma leitura de caráter mais intuitivo, desconsiderando-se, nesse caso, categorias de natureza sócio-histórica, situacional, enunciativo-discursiva. Se essa é uma realidade constatada, não se pode negar o caráter intuitivo da leitura, nem se pode desprezar a forma, que, por sua vez, está vinculada às demandas dos domínios discursivos em que emergem. Ao contrário, pode-se, a partir daí, chegar ao texto, alcançando também outras dimensões da linguagem.

Por outro lado, observaram-se casos – embora muito restritos – em que a cenografia engendrada pelos textos foi alcançada. E isso ocorreu principalmente a partir de reflexões do sujeito-leitor sobre a cena englobante (tipo de discurso) em que o texto se inscrevia. Assim, em registros nos quais os textos analisados não foram correlacionados a uma cena englobante, os sujeitos também não evidenciaram, nos registros, a cenografia implicada. E, provavelmente, por desconsiderarem a cenografia, não teriam evidenciado outros efeitos de sentido, nem teriam alcançado o gênero, de fato.

A exemplo de Matencio (2006b), também acredito os gêneros devem ser estudados “em termos do funcionamento dos domínios discursivos em que circulam”. Em vista disso, “não se pode imaginar que o foco apenas no que se diz seja suficiente para possibilitar uma construção identitária voltada à autonomia do professor” (p.6, grifo da autora). Ressalta-se, assim, a necessidade imperativa de se trabalhar, rotineiramente, no universo escolar/acadêmico estratégias de leitura que considerem outras dimensões constitutivas da linguagem (situacionais, sócio-históricas, discursivo-enunciativas, por exemplo), de modo a formar sujeitos-leitores que dêem conta dessa abrangência do texto e passem a considerar sua implicação na constituição de um sentido para o texto.

No caso do curso pesquisado, neste estudo, o ensino da leitura, por exemplo, desde o primeiro período, já está vinculado a situações de ensino-aprendizagem em que as determinações sócio-históricas de produção do texto/discurso, além do quadro institucional em que os textos são produzidos são vistos como constitutivos do sentido. Apesar disso, os sujeitos da pesquisa, na sua maioria, não refletiram, nos seus registros, indícios de movimentos em relação a concepções de língua/linguagem/texto/sentido tradicionalmente

construídas durante processos interlocutivos vivenciados fora do espaço acadêmico propriamente.

Evidencia-se, assim, a demanda de se continuar trabalhando, nos espaços institucionais de educação formal, conceitos que poderiam orientar melhor o leitor para a potencialidade de significação dos textos. Creio que um trabalho dessa natureza, mais sistematizado e em longo prazo, tenderia a levar os sujeitos-leitores a atribuírem a devida atenção a outras dimensões constitutivas do sentido, a ponto de ressaltá-las e diferenciá-los nos registros de leitura, o que poderia levá-los à percepção de novos efeitos de sentido.

Para essas considerações finais, em que trato de prováveis lacunas no processo de ensino-aprendizagem nas esferas escolares/acadêmicas, além de problemas de escolarização, convém ressaltar que tomei por base apenas parte da primeira etapa da coleta de dados. Os exemplos discutidos ao longo deste capítulo, os resultados obtidos, os princípios teóricos ora elaborados e as categorias elencadas são frutos desse estudo ainda de caráter inicial. Por isso seria pretensioso, de minha parte, afirmar que as pessoas, de fato, não saberiam ler ou mesmo que a situação escolar seria meramente “castradora”, quando se trata da formação do sujeito-leitor. Prioritariamente, o que está em discussão, neste momento, é a contribuição de categorias consideradas pelos analistas do discurso para a compreensão da percepção do sentido na instância da recepção, no âmbito acadêmico. Considerando-se essa escolha e este momento específico do estudo, cujos dados foram obtidos a partir de uma atividade de leitura de caráter diagnóstico, ainda não disponho de dados suficientes para responder a todas as questões propostas inicialmente. Para um estudo de caráter mais conclusivo, pretendo me valer de dados gerados em etapas subseqüentes da coleta de

dados. Nessas fases, propositadamente, apresentou-se maior direcionamento ao leitor nas atividades de leitura elaboradas. Após me valer de tais instrumentos, é que poderei ter uma contribuição mais decisiva para se definirem categorias determinantes na produção de sentidos com base no quadro teórico proposto pela Análise do Discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments por une approche de l'autre dans le discours**. DRLAV 26. Paris, 1982, pp. 91-151.
- _____. Heterogeneidade (s) enunciativa (s). In: Orlandi, EP. & GERALDI, J. W. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, UNICAMP, IEL, nº 19, 1990.
- _____. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Trad. bras. PTFEIFFER, Cláudia et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- BAKHTIN, M. [Volochinov]. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. Tradução de PEREIRA, Maria E.G. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 277-326.(original de 1979).
- _____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de LAHUD M. & VIEIRA, Y. F. São Paulo: HUCITEC, 2006 (original de 1929)].
- _____. BARROS, Diana Luz Pessoa e FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1999.
- _____. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, Dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Paulo: Claraluz, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Tradução de INDURSKY, Freda. Campinas, SP: Pontes, 1997 (original de 1987).
- _____. **Análise de textos de comunicação**. Trad. de SOUZA-e-SILVA e ROCHA, DÉCIO. São Paulo: CORTEZ, 2001.
- _____. **Cenas da enunciação**. POSSENTI, Sírio e SOUZA-e-SILVA (ORGs.). Curitiba: Criar Edições, 2006.
- MARI, Hugo (Orgs) **Categorias e práticas de análise do discurso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discursos/FALE/UFMG, 2000.
- MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Abordagens do discurso e formação de professores. In: SIMPÓSIO SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO, 2, UFGMG, Belo Horizonte. Anais, 2002.

_____. O estudo dos gêneros do discurso: notas sobre as contribuições do interacionismo. In: Gêneros: **Reflexões em Análise do Discurso**. MACHADO, Ida Lúcia e MELLO, Renato (Orgs.). NAD/FALE/UFMG: Belo Horizonte, MG, 2004.

_____. Práticas Discursivas, gêneros do discurso e textualização. In: SEMINÁRIO DO GEL, 3. REVISTA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS XXXV, São Paulo: 2006.

_____. Gêneros discursivos na formação de professores: Reflexões sobre a construção de saberes e o processo de letramento. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE PROFESSORES DE LÍNGUA, 1, Florianópolis: UFSC, 2006.

_____. Sujeito, sentido e representações sociais em abordagens discursivas da linguagem. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 5, Belo Horizonte, MG, 2006.

ORLANDI, Eni. _____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes Editora, 1998.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. brasileira. ORLANDI, Eni Pulcinelli et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. Original de 1975a.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In GADET, F; HALF, T. **Por uma análise automática do discurso**. Trad. brasileira. Campinas: Editora da Unicamp, 2001a Original de 1969.

_____. A Análise do Discurso: três épocas. Trad. bras. em GADET, F & HACK, T. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001b Original de 1983.

_____. A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e perspectivas. In: GADET, F & HACK, T. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. Original de 1975b.

_____. **Discurso: estrutura ou acontecimento?** Campinas: Pontes, 2002. Original de 1983.

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004